

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.13022018203>

DOSSIÊ “DESCOLONIZAÇÕES: NAS ARTES E ENTRE CULTURAS”

Dilma Beatriz Juliano*

Antônio Carlos dos Santos**

De tempos em tempos os processos colonizadores passam por revisões conceituais a partir de mudanças observadas e vividas nas práticas culturais e políticas, ao redor do mundo. Infelizmente os (re)exames ocorrem não porque deixem de existir os alastramentos colonialistas, mas porque se modificam, sofrem deslocamentos importantes, reavivam-se seus procedimentos ou abolem-se determinadas práticas. Isto a pensar desde os primeiros movimentos de criolização a partir das relações comerciais exploratórias no triângulo atlântico – África, Américas e Europa – até as recentes transculturações pela via da globalização capitalista.

O dossiê, que ora se apresenta, pretende indicar os desfazer coloniais. Sua motivação teve como ponto de partida: a vontade de saber sobre os diversos processos descolonizadores e sobre o diálogo entre formas artísticas e culturais debruçadas sobre objetos, palavras, corpos, imagens em ação ou em impulso de ultrapassagem das fronteiras (nacionais, disciplinares, hierárquicas) como espaços de separação, de limitação. As fronteiras, aqui, são espaços propícios aos fluxos, aos deslocamentos, à circulação e não mais (ou nunca mais?) linha imaginada para selar a estranheza.

O que se quer é pôr em discussão e mapear alguns dos desafios colocados pelas práticas e objetos artísticos na produção de conhecimento, na nomeação daquilo que emerge das ruínas coloniais antes localizadas nas divisões disciplinares.

Do conjunto dos textos, nos chegam reflexões sobre o cinema, a literatura, os livros didáticos e a fotografia, todos na perspectiva de análise des-colonizadora das produções culturais e dos saberes sobre elas. Aproxima-se, também, do debate estabelecido no Dossiê, a seção Tradução, com um texto do pensador camaronês Achille Mbembe, que chega à crítica sobre o presente com a força das noções desestabilizadoras de categorias construídas como ‘raça’ e ‘negro’, por exemplo, em seus usos capitalizadores de riquezas e poderes brancos, ocidentais, europeizantes e, portanto, colonialistas.

As demais seções da Revista trazem, também, textos de atualíssima abordagem teórica e sobre importantes artefatos da cultura, que chamam à leitura de suas análises e às indicações de fontes de referência.

Boa leitura!

* Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutora em Literatura Brasileira e Teoria Literária (UFSC). E-mail: dilma.juliano@unisul.br.

** Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutor em Teoria Literária (UFSC). E-mail: caco1955@hotmail.com.